

LETRAMENTO HISTÓRICO EM MUSEUS: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA REALIZADA NO MEMORIAL MINAS GERAIS VALE

Luísa Teixeira Andrade Pinho – Faculdade de Educação/Universidade do Estado de Minas Gerais¹

1. Introdução

A educação realiza-se em vários ambientes sociais e culturais. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional considera que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem não somente nas instituições de ensino e pesquisa, mas também na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Isso indica a necessidade de explorar de forma consciente espaços educativos situados além dos muros da escola ou, segundo o recorte deste projeto, nos museus. Como espaço cultural e educativo, o museu tem se dado o desafio de educar por meio da sensibilização e a partir de seus objetos, exposições e propostas educativas que cultivam a comunicação e produção de significados.

O papel do museu não é revelar o implícito, nem o explícito, não é resgatar o submerso, não é dar voz aos excluídos (nem aos incluídos...), não é oferecer dados ou informações. Em suma, o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade social é excitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo. (Ramos 2004, p.131)

A hipótese aventada neste artigo é a de que os museus são espaços propícios para ensinar e aprender História. Advogamos que o patrimônio cultural contribui potencialmente na formação histórica, visto que permite dar consistência às informações e abstrações dos textos históricos e porque constrói a percepção e a visão histórica do território e do mundo. Ademais, os objetos da cultura material são portadores de informações sobre costumes, técnicas, condições econômicas, ritos e crenças de outros tempos que podem trazer para o presente dos visitantes realidades ausentes ou presentes em outras temporalidades através dos vestígios que persistiram à revelia do tempo.

¹ Prof. Dra. da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Email: lteixeiraa@hotmail.com

Nessa perspectiva, este artigo compõe uma das dimensões da pesquisa “Mediações pedagógicas acerca da cultura afro-brasileira: análise de experiências educativas realizadas no Memorial Minas Gerais Vale” que está sendo realizada no Centro de Pesquisa e no Programa de Pós-Graduação da FaE/UEMG. Ela apresenta como objeto de estudo a aprendizagem de História em museus a partir de visitas escolares, com foco na construção discursiva sobre a cultura afro-brasileira ao longo da História do Brasil. Para tanto, estabelecemos como foco as visitas educativas realizadas em uma instituição museal da cidade de Belo Horizonte: o Memorial Minas Gerais Vale. Criado e mantido pela Vale por meio de sua Fundação, o Memorial integra o Circuito Cultural Praça da Liberdade. Caracterizado como museu de experiência, ele traz a cultura e as tradições mineiras contadas de forma original e interativa. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levam os visitantes do século XVIII ao século XXI. Aberto em 2010, o prédio que abriga o Memorial Vale era a sede da Secretaria do Estado da Fazenda de Minas Gerais. A edificação histórica datada de 1897 é o local onde foi lançada a pedra fundamental da cidade de Belo Horizonte. A construção é tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG.

Esta proposta integra o projeto *Território Negro*, criado e gerenciado pelo Núcleo das Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. O Território Negro tem como finalidade favorecer a aproximação e o diálogo das escolas com espaços museológicos da cidade, de modo a possibilitar a apropriação de conhecimentos acerca das culturas africana e afro-brasileira, de suas histórias, suas produções intelectuais, científicas, tecnológicas e estéticas, e suas formas de organização social. O Território tem ainda como ponto de partida atividades pedagógicas interdisciplinares, buscando refletir sobre a memória social e coletiva do Brasil, que é um país multicultural e pluriétnico. Os espaços museológicos podem se transformar em lugares de memória que, pelo poder de representação que encenam, por vezes, reproduzem uma memória social coletiva que reflete ideias de hegemonia entre povos e culturas.

Por levantar temas de relevância sobre as relações étnico-raciais no país, a trilha “Africanidades e Memória” realizada pelo programa educativo do Memorial Minas Gerais Vale foi escolhida como objeto de pesquisa. Segundo a instituição, essa trilha “propõe práticas para o fortalecimento das identidades e a apropriação das matrizes africanas presentes na sociedade brasileira, através do resgate da cultura afrodescendente com o intuito de

desconstruir preconceitos”². Ela é composta por salas que compartilham as seguintes temáticas: visões da África; Palmares, Baobea e Ilê Ayê.

Nesse trabalho analisamos um ciclo de atividades desenvolvido em uma classe de EJA da rede estadual de Minas Gerais que contou com uma oficina de sensibilização sobre o potencial educativo de objetos relacionados à cultura africana e afrobrasileira para as aprendizagens de História seguida de visita ao museu.

2. *Mediação Pedagógica em Museus*

El mar

Diego no conocía la mar. El padre, Santiago Kovadloff, lo llevó a descubrirla.

Viajaron al sur.

Ella, la mar, estaba más allá de los altos médanos, esperando.

Cuando el niño y su padre alcanzaron por fin aquellas cumbres de arena, después de mucho caminar, la mar estalló ante sus ojos. Y fue tanta la inmensidad de la mar, y tanto su fulgor, que el niño quedó mudo de hermosura.

Y cuando por fin consiguió hablar, temblando, tartamudeando, pidió a su padre:

—¡Ayúdame a mirar!
(GALEANO, 2010: 3).

A leitura desta pequena crônica do escritor uruguaio Eduardo Galeano levou-nos a pensar nas finalidades pedagógicas do trabalho educativo com foco nas formas de mediação mais adequadas. Uma das premissas centrais que nos orientaram é a de que, em exposições, o papel dos educadores deveria ser o de “ajudar a ver” (Pinho, 2012). Em sintonia com essa premissa, fundamentamos essa proposta pedagógica em estudos de autores que publicaram trabalhos que problematiza[ra]m o ensino e a aprendizagem em espaços de cultura, mais especificamente a perspectiva teórico metodológica apresentada por Ramos (2004) e outros estudos no campo das práticas educativas em espaços não formais de educação: Chagas, 2015; Pinho (2012); Canclini (2009).

Assim, para pensar o potencial educativo dos objetos da cultura material, nos ancoramos na perspectiva de Francisco Regis Ramos (2004). Ramos desenvolve uma perspectiva teórica e metodológica que pensa a exposição museológica como um texto, uma narrativa construída

² Memorial Minas Gerais Vale. Percursos da Memória: a proposta do setor educativo do Memorial Vale. Disponível em <http://www.memorialvale.com.br/educativo/percursos-tematicos/> Acesso em: 07 de agosto de 2014.

pelos objetos. Ele parte de uma perspectiva de alfabetização museológica para apresentar apresenta uma metodologia alicerçada nos “objetos geradores”. Inspirado na pedagogia do diálogo contida na “palavra geradora” definida por Paulo Freire, o autor propõe um exercício de seleção e leitura de objetos vinculados a realidade dos alunos. Além do museu, sua proposta estende-se para a sala de aula e outros espaços educativos. Trata-se de um exercício de indagação dos objetos a partir de perguntas que não procuram por dados prontos mas que levam a reflexões sobre a vida dos objetos e a trama de significados em que ele está inserido. Nas palavras do autor, o objetivo desta proposta pedagógica consiste em “motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano”. (RAMOS, 2004: 32).

Mario Chagas (2006) em sua obra “Há uma gota de sangue em cada museu” nos alerta ainda para as intencionalidades contidas na materialidade das exposições que, muitas vezes sob um véu de neutralidade, produzem interpretações, narrativas históricas ideologicamente marcadas, muitas vezes silenciando sujeitos, omitindo conflitos, tensões, contradições, o que o autor qualifica metaforicamente como “gotas de sangue”. Nos dizeres do autor, refletir sobre a presença de sangue no museu significa

[...] aceitá-lo como arena, como espaço de conflito, como campo de tradição e contradição. Toda a instituição museal apresenta um determinado discurso sobre a realidade. Este discurso, como é natural, não é natural e compõe-se de som e de silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembrança e de esquecimento (CHAGAS, 2006: 30).

Em sintonia, Nestor Canclini (1999) em “Culturas Híbridas” vai construir a ideia de que os museus e patrimônios de modo geral realizam o que ele chama de “operações de ritualização cultural”. Canclini busca elucidar as intenções que existem por trás dos atos de preservação do passado e chega a conclusão que ao serem teatralizadas, as tradições podem servir de legitimação para os grupos sociais que as construíram ou para os que delas se apropriaram. Logo, o patrimônio subsiste como força política na medida em que é posto em cena em museus, monumentos ou comemorações .

Se Mario Chagas e Nestor Canclini nos informam que todo museu apresenta um discurso sobre a realidade, seja por uma construção discursiva que muitas vezes omite a presença humana (Chagas, 2006) ou por operar com estratégias de ritualização e de teatralização do patrimônio (Canclini, 1999), a experiência educativa pode, muitas vezes, reverter a lógica apresentada, desconstruir discursos, mobilizar outros autores para compor argumentos, dar

voz a sujeitos que foram silenciados na narrativa. Nesse sentido, o papel da mediação em museus se faz presente de forma imprescindível. Para isso é preciso educar a percepção, explorar o potencial da leitura da história presente na trama narrativa proposta pelos objetos.

Portanto, a conexão entre os autores permitiu-nos estabelecer pontes entre as narrativas históricas construídas pelos museus e suas (re)construções nos momentos das visitas escolares mediadas.

3. Lendo objetos da cultura material africana e afro-brasileira

O recorte analisado neste artigo é oriundo do ciclo de atividades elaborado pela equipe da pesquisa e desenvolvido em uma sala de aula do EJA da rede estadual de ensino de Minas Gerais pela professora de História da equipe. O ciclo de atividades contou com uma oficina de sensibilização, realizada em duas aulas, a partir dos pressupostos da pedagogia do objeto proposta por Lopes Ramos, seguida de visita a trilha “africanidades” do Memorial Minas Gerais Vale. Todas essas etapas foram registradas em áudio pelos bolsistas de iniciação científica.

A partir da análise da forma como os participantes construíram coletivamente o espaço interacional, decompusemos as aulas em eventos. Estamos chamando de evento um conjunto de atividades delimitado *a priori* sobre como o tempo foi gasto, por quem, em quê, com qual objetivo, quando, onde, em quais condições, com que resultados, além de como os membros sinalizam mudança na atividade, dando origem a novos eventos (CASTANHEIRA, 2004). Selecionamos, portanto, um evento da primeira aula da oficina de sensibilização.

Esta aula foi orientada pela tarefa solicitada pela professora em dia anterior: os alunos deveriam trazer para a sala de aula objetos relacionados à cultura africana e afro-brasileira. No trecho selecionado, a professora explora o objeto que ela mesma trouxe: o turbante. Segue abaixo transcrição do evento³:

³Optamos por identificar os alunos por nomes fictícios para assegurar o sigilo dos sujeitos envolvidos.

Professora: Que sentido que o objeto tem na nossa vida, Então eu trouxe aqui, é, eu pedi para vocês trazerem alguns objetos pra gente trabalhar isso e eu trouxe um objeto que tá muito, tá muito comum na minha vivência que é o turbante, eu tenho muitos *né*... Eu fiquei escolhendo qual eu ia trazer senão eu ia trazer de mais (sorriso) esse aqui inclusive tem um arame, olha a sociedade de consumo, que é pra facilitar *eu fazer* aquele negócio grande (demonstra um turbante com as mãos) por que o arame se molda e tal, então é... O turbante pra mim ele tem um significado de moda, que eu visto ele, eu pego em um dia qualquer, ou um dia que eu estou com o cabelo desarrumado e quero jogar ele pra cima, tem outro aqui, esse aqui já é maior e *tal*, serve como lenço também...

Matheus: Cachecol

Professora: Cachecol, mas é mais usado como turbante mesmo e eu posso utilizar ele em um dia qualquer *né*, mas isso aqui muito mais do que só um objeto de moda ele é um objeto que tem história, ele é um objeto que possui historicidade, ele não é um objeto que tem história por que eu comprei lá na CeA e *tal* (risos) não é isso, eu *to* dizendo do objeto em um sentido mais amplo não desse aqui especificamente...

Matheus: A origem dele né?

Professora: A origem dele, então vamos começar por aí, os turbantes eles tem a historicidade, eles vieram pra cá com as africanas quando elas foram escravizadas, elas começaram a usar e isso era um objeto cultural da África, isso ficou por muito tempo como se só as negras utilizassem e tal e não foi aderida a cultura e por muitos anos isso foi assim, na década de 1930 começaram a utilizar de novo o turbante tanto que a Carmem Miranda, vocês conhecem a Carmem Miranda aquela cantora, ela utiliza o turbante é, como uma forma de ressaltar a cultura brasileira, porque a Carmem Miranda ela fez o seguinte, ele teve uma ideia de marketing, ela pegou tudo que é estereótipo brasileiro e levou lá pra fora, então ela colocou um tanto de banana na cabeça com uns turbantes e levou lá pra fora como se isso fosse o brasil, colocou um tanto de macaco pulando atrás dela. Pra mostrar o que, o tanto que o brasil é tropical, ela tipificou o brasil e levou pra fora. E o turbante ela passou a usar e as pessoas voltaram a usar o turbante, e aí por um longo tempo, as mulheres com os cabelos curtos, lisos, chega *na* televisão também mulheres como a Xuxa é, pessoas loiras, as mulheres passam a pintar o cabelo de loiro e usar o cabelo mais liso e o turbante não é muito compatível com o cabelo liso, quem tem o cabelo liso não consegue utilizar é muito difícil,

Lucas 1: Por isso eu não uso (fazendo alusão ao fato de não ter cabelos) (risos)

Professora: É por isso que você não usa, eu imaginei... eu até te usar como exemplo.

(...)

Professora: Então galera, o turbante, ele voltou a *ser* utilizado agora, as mulheres *tão* utilizando muito. Eu quero que vocês me digam ideias, sem timidez com a câmera, de por que *que* o turbante voltou a ser utilizado agora vão ver se vocês me falam

Lucas 1: Por que agora a brasileira tá conseguindo se aceitar mais...

Professora: Ponto. Desenvolvam isso aí

Lucas 1: A cultura afro brasileira *né*, tá sendo mais...

Glaucia: Tendo aceitação?

Lucas 1: Sendo absorvida e aceita pela sociedade

Valéria: As pessoas estão assumindo a sua raça? Estão assumindo sua identidade...

Professora: Identidade essa é a palavra! Continuem

Lucas 2: Questão também de estar em cheque né, toda aquela situação que tinha antes tá sendo colocado agora em pauta, à discriminação isso tudo tá cada vez mais em pauta, mais sendo discutida, mais sendo destruído, vou colocar assim, agora na nossa década *né*?

Professora: Bem isso, tá sendo colocado em pauta o preconceito, quando o preconceito é colocado em pauta às pessoas se assumem, por que assim galera, a pessoa só não se entende quando ela não procura se entender. É o que eu falei com vocês, o preconceito com as pessoas, com os homossexuais por exemplo, ele existe, por falta de conhecimento *né*? Por que as pessoas não conhecem. É muito comum você ver os próprio gays com preconceito com eles mesmos, alguns sem se assumir, já viu aquele gay retraído sem se assumir. Isso é muito comum galera, é muito comum isso acontecer, então, as pessoas negras, elas se

retraíram por muito tempo tentando ser brancas e quando você sai desse, você sai desse cubículo, desse mundinho e se descobre, é por que você não está inventando uma identidade sobre si, de certa forma você está se descobrindo <i>né</i> , você está deixando seu cabelo crescer do jeito que ele veio... (coloca a mão no cabelo)
Lucas 1: Parando de alisar, parando de fazer chapinha...
Glaucia: Eu acho que é a questão de se aceitar mesmo, por que se você nasceu...
Conversa paralela- Lucas Oliveira grita: peraí João...
Alunos acalmam
Glaucia: Por que aí, eles já sabem como eles são, mas é aceitar a forma como eles nasceram, eu penso assim...
(...)
Matheus: Você fica refém da sociedade, você é refém da sociedade. Porque, se a pessoa... (Inaudível) e ela ficar escondendo aquilo se negando, ela vai ser tratada diferente, ela não vai ser julgada, ninguém vai se afastar, então ela prefere ficar calada, sofrendo aquilo, remoendo, perto das pessoas, porque se ela falar as pessoas vão se afastar, porque o preconceito é muito grande.
Professora: Muito bom

Evento: Construindo narrativas históricas a partir de um objeto relacionado a cultura africana e afro-brasileira.

No evento acima, a professora constrói junto aos alunos uma prática de leitura de um objeto bastante vinculado as culturas africanas: o “turbante”. Ela inicia o diálogo construindo ideias sobre os usos do turbante na sociedade atual para, em seguida, trazer para o debate a historicidade do objeto, suas origens em solo brasileiro, seus usos e concepções ao longo de fotos da história do Brasil. A professora explica que o turbante foi um objeto trazido pelas negras africanas que aqui foram escravizadas e por ser um objeto que ficou bastante atrelado a cultura africana, seu uso ficou por muito tempo restrito as negras africanas e suas descendentes. No início do século XX, explica a professora, que a cantora e atriz Carmem Miranda, compôs seu figurino com o turbante na tentativa de criar uma imagem do Brasil para os outros países. Finalmente, nos finais do século XX, o turbante volta a ser introduzido ao gosto popular.

Depois de introduzir o tema, a professora convida os alunos a buscarem respostas sobre os porquês dos usos do turbante na atualidade. Os alunos entram em cena tecendo tramas entre sujeitos e objetos em exercícios de interpretar a complexidade da sociedade atual em que o turbante está inserido. Desse exercício emergem noções sobre uma maior aceitação dos sujeitos dos elementos da cultura africana e afro-brasileira, sobre o papel dos debates da contemporaneidade que vem colocando a questão e fazendo refletir. A seguir, vem, mais uma vez da fala da professora uma permanência no tempo que seriam a persistência de praticas discriminatórias e racistas sobre as quais os alunos concordam. Desse modo no movimento

dialógico produzido em sala de aula a partir do turbante que funcionou como “objeto gerador” afloraram interpretações sobre a História do Brasil, sobre racismo na sociedade brasileira, sobre a construção de identidades e sobre as práticas culturais na sociedade brasileira. Os alunos perceberam mudanças e permanências no tempo histórico próprias da forma de pensar historicamente. Desse modo, a partir da dinâmica pautada na historicidade do turbante, sob a ação mediada da professora, os alunos produzirão compreensões e raciocínios históricos.

4. Considerações Finais

Este trabalho aponta para as potencialidades de aprendizagem de história a partir do diálogo com os objetos da cultura material. Advogamos com Regis Ramos existe uma carência na formação de professores quanto a temática da educação patrimonial e da aprendizagem de história por meio de bens da cultura material e imaterial. Nas palavras de Ramos (2004), “o tipo de saber a que o museu induz não se desenvolve em outros lugares, e tal lacuna deixa o estudante quase desprovido de meios de interpretar as nuances da linguagem museológica.” (2004: 21).

Defendemos ainda, como mostrou o evento acima, que a pedagogia do objeto gerador com tem o poder de trazer uma materialidade a uma forma de pensar tão abstrata que é o raciocínio histórico. Essa pedagogia, portanto, produz um contato mais concreto dos alunos com a História trazendo para o presente dos alunos realidades ausentes ou presentes em outras temporalidades através dos vestígios que persistiram à revelia do tempo.

Encerramos esse texto com a fala de Regis Ramos para pensar na dimensão reflexiva dos museus e das salas de aula quando se instaura práticas mediadas pelos objetos da cultura material e imaterial.

“O papel do museu não é revelar o implícito, nem o explícito, não é resgatar o submerso, não é dar voz aos excluídos (nem aos incluídos...), não é oferecer dados ou informações. Em suma, o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade social é excitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo”. (Ramos 2004: 31)

5. Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2010b.

CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006. 135 p.

GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

Memorial Minas Gerais Vale. *Percursos da Memória: a proposta do setor educativo do Memorial Vale*. Disponível em <http://www.memorialvale.com.br/educativo/percursos-tematicos/> Acesso em: 07 de agosto de 2014.

PINHO, Frederico Alves. *Tecendo narrativas, costurando tempos: ensino e aprendizagem de história no museu de artes e ofícios*. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*, Chapecó: Argos, 2004.